

TEMA EM DISCUSSÃO

HISTÓRIA ORAL: O RELATO E A ANÁLISE

Três pesquisadores discutem o tema em artigos comentados pela
Profa. Dra. Maria de Lourdes Mônaco Janotti

A discussão teve lugar em Mesa Redonda realizada durante o 26º Encontro
Nacional de Estudos Rurais e Urbanos, em 21 de maio de 1999.

ESPAANHÓIS EM SÃO PAULO: RECUPERANDO UMA IMIGRAÇÃO SILENCIADA¹

*Maria Antonieta Antonacci**

Resumo: Os imigrantes espanhóis são duplamente excluídos: por serem pobres e por serem, como imigrantes, considerados cidadãos de segunda classe. Assim sendo, o recurso à História Oral é significativo, dado que sua memória não foi preservada por registros e arquivos; através da análise de 6 depoimentos de mulheres vindas da região da Andaluzia, aponta os traços comuns das trajetórias dos imigrantes espanhóis da primeira onda. As entrevistas focalizam questões referentes ao modo de vida, solidariedade de conterrâneos, moradia, trabalho e à insegurança.

Palavras-chave: exclusão, mulheres, modos de vida

Desde o começo desta pesquisa, tendo em vista que as informações e justificativas da ausência de estudos em relação à imigração espanhola em São Paulo pautaram-se na inexistência de registros e materiais em proporções significativas, que dessem conta da participação hispânica no processo de urbanização paulistana, nossas preocupações orientaram-se no sentido de entender historicamente este “silêncio”, de procurar trabalhar ao máximo com o que fôssemos conseguindo localizar, além de nos empenharmos em potencializar alternativas que ultrapassassem o convencional em termos de recursos documentais, repensando métodos e técnicas de pesquisa sobre migrações.

Daí que, sem nos determos nas limitações impostas pela carência de registros a respeito de espanhóis em São Paulo ou pela escassez, irregularidade e precariedade de documentos a respeito de suas formas de participação nos processos de trabalho e de urbanização da cidade no período 1890-1930, optamos por levantar questões em torno de todas as possibilidades que os poucos números de jornais hispânicos preservados oferecem.

O mesmo procedimento adotamos frente ao que restou do acervo patrimonial de suas associações, como o que mantém a Sociedade Hispano-Brasileira (SHB), fundada em 1898, com a denominação de Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos, Instrução e Recreio, que reuniu sob sua guarda a documentação de outras associações espanholas, que foram sendo desativadas ao longo do tempo.

Nossos contatos com a diretoria da SHB foram fundamentais, assim como com a da Sociedade Beneficente Rosalia de Castro, criada mais recentemente para

* PUC/SP.

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq.

prestar assistência a espanhóis mais idosos, sem recursos. Por intermédio destas associações espanholas conseguimos chegar a protagonistas das primeiras ondas migratórias Espanha-São Paulo no período republicano. O mais importante neste processo é que, na busca por materiais, encontramos sujeitos que vivenciaram, de diferentes formas e significados, a experiência de ser imigrante espanhol em São Paulo.

Nesse sentido, recorrendo à metodologia da História Oral, estamos tendo a oportunidade de cruzar registros escritos com memórias e lembranças de integrantes destes movimentos migratórios, pluralizando pontos de vista e versões. Ao mesmo tempo, estamos cientes dos limites de centrar o trabalho em depoimentos orais, tanto por dificuldades de localizar espanhóis idosos residentes em São Paulo, cidade muito grande e dispersa, com hispânicos domiciliados em várias regiões; ausência de vínculos/comunicação entre os membros da colônia; dificuldade de localizar pontos de reunião e encontros informais destes imigrantes ou de nos aproximar de espanhóis com os perfis desejados; impossibilidade de acesso a censos e registros do consulado (onde poderíamos chegar com mais facilidades aos participantes das primeiras levadas migratórias que se fixaram na cidade), como por termos de avaliar as condições de saúde e as capacidades/habilidades de narração dos possíveis depoentes. Acima de tudo, temos presente que estamos tratando com trabalhos da memória, que sofrem alterações em função de experiências vivenciadas ao longo dos anos, passando por diversos prismas e temporalidades que os estudiosos devem dar conta, pois os sujeitos históricos fazem/refazem suas lembranças e seus posicionamentos, acompanhando a dinâmica de suas vidas.

Todavia, consideramos de fundamental importância nosso recurso à metodologia da História Oral, que vem ganhando espaço no contexto de uma história Social voltada para as experiências e os significados atribuídos pelos sujeitos a suas lutas e vivências, como por termos possibilidade de acesso às dramáticas e diferenciadas histórias que levaram homens, mulheres e crianças a se tornarem emigrantes, saindo de seus espaços, tempos e modos de vida para desenvolverem formas de trabalho e de sobrevivência na sociedade de imigração.

Nesse sentido, ainda recorremos às reflexões de Sayad², que apontam as formas preconceituosas e etnocentristas dos estudos voltados para as migrações, na medida em que tratam e analisam os migrantes apenas da ótica da sociedade imigrante, ignorando e desconhecendo as relações e os campos de força que impulsionaram sujeitos e grupos sociais a abandonarem, temporária ou definitivamente, suas regiões e seus familiares. A recorrência a suas histórias de vida permite estabelecer correlações entre os campos de forças sociais que comportaram, historicamente, as dinâmicas inerentes às condições de partida destes sujeitos sociais enquanto emigrantes, assim como as correlações que os atraíram para determinadas regiões e as relações que foram estabelecendo nos locais de chegada, enquanto imigrantes.

2 SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo, EDUSP, 1998.

Além de permitir apreender as condições de vida dos migrantes em seu país ou região de origem, a História Oral possibilita dimensionar para além do contexto material que envolve os processos migratórios, formas de compreensão da natureza da vida sócio-cultural, das relações pessoais e de vizinhança, assim como dos “estranhamentos”, nos nossos espaços como sugeriu Michael Hall ³. Conforme destacou Boris Fausto, “Algumas dessas dimensões ligadas à sensibilidade não são mensuráveis, podendo ser entretanto apreendidas através de fontes infelizmente escassas como a correspondência entre imigrantes e seus familiares no país de origem ou o depoimento dos velhos.” ⁴ Nestas discussões entre os primeiros pesquisadores dos processos e questões subjacentes à imigração para São Paulo já estavam colocadas problemáticas referentes à delimitação e tratamento das fontes, que, em vários sentidos, definiam os contornos e limites de suas investigações.

Insistindo na necessidade de atualização e questionamento das fontes, para a análise de qualquer problema histórico, a par de contínua colocação de questões ao passado e ao presente, consideramos importante participar de debates em torno de metodologias e abordagens sobre a temática das migrações, na perspectiva de repensar procedimentos e técnicas de estudo de um dos problemas mais candentes do mundo em globalização: os deslocamentos maciços de homens, mulheres e crianças subjacentes às formas de integração/intercâmbio de mercadorias e tecnologias.

Do contato com membros da diretoria da Sociedade Hispano-Brasileira, no período 1996/98, bem como da Sociedade Beneficente Rosalia de Castro, conseguimos localizar antigos imigrantes espanhóis que se dispuseram a narrar suas lembranças sobre a saída da Espanha, a chegada no Brasil, suas formas de trabalho e de luta para sobreviverem em São Paulo. Nesta recorrência ao trabalho com memórias, estamos nos apoiando em toda uma discussão sobre metodologia da História Oral, que vem crescendo entre pesquisadores brasileiros de vários campos de conhecimento em diálogo com profissionais do exterior interessados em fazer avançar os exercícios e as discussões sobre História Oral ⁵.

Dialogando com o material documental disponível sobre imigração espanhola para São Paulo e recorrendo à História Oral, nossa intenção é trabalharmos para além do discurso produzido sobre o imigrante e a imigração, tanto a nível do Estado e das instituições governamentais, como das ciências jurídicas, demográficas, geográficas, historiográficas, econômicas e políticas que, de um modo geral, estu-

3 HALL, Michael. “Italianos em São Paulo (1880-1920)”. *Anais do Museu Paulista*, (29), 1979.

4 FAUSTO, Boris. “Um balanço da historiografia da imigração para o Estado de São Paulo”. *Estudios Migratórios Latinoamericanos*, Buenos Aires, (25): 421, 1993.

5 Cf. AMADO, J.; FERREIRA, M. (orgs). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro, FGV, 1996; FERREIRA, M. (org). *História Oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro, Diadorim/FINEP, 1994; MEIHY, J. C. S. (org). *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo, USP, 1996; *Projeto História*, São Paulo, “Ética e História Oral”, (15), 1997; *Projeto História*, São Paulo, “Cultura e Representação”, (14), 1997; *Projeto História*, São Paulo, “Trabalhos da Memória”, (17), 1998, e outros.

dam a imigração do ponto de vista de direitos e deveres, de deslocamentos populacionais pelos espaços (econômico, nacional, geográfico), nos marcos de tempo cronológico oficial.

Enfrentando considerações desta natureza, pesquisamos a constituição da imigração como problema social, formulando temáticas e indagações a partir de problematizações a seus referenciais documentais e trabalhando as memórias de antigos imigrantes espanhóis, na perspectiva de situá-los histórica e culturalmente em tempos e espaços que ajudaram a construir. Com esta perspectiva, pensamos ultrapassar posicionamentos e argumentações que, ou integram o imigrante no “mesmo”, diluindo-o pelo silenciamento; ou colocam-no como o “outro”, excluindo-o e denegando-o mais uma vez. Enfim, estamos tentando retirá-lo da “fronteira entre o ser e o não-ser social”, conforme referências de Bourdieu.⁶

No caso dos imigrantes espanhóis para o Brasil, tratamos de grupos duplamente excluídos: primeiro por serem pobres, trabalhadores, pessoas comuns, como milhares de outros imigrantes e brasileiros de nascimento, considerados “cidadãos de segunda classe”, cuja memória não foi preservada pelos registros, nem está recolhida nos arquivos. Segundo, pelo fato de serem espanhóis, que sem amparo legal do Estado Espanhol e suas representações diplomáticas, tornaram-se duas vezes “estrangeiros”. Daí a importância da recorrência à metodologia da História Oral.

Já tendo falado das dificuldades de localizar depoentes e dos pressupostos da análise da História Oral, importa dizer que das entrevistas realizadas até o momento, 6 depoentes são da primeira onda imigratória (virada do século até 1930), situação que traduz nossa prioridade em ouvir os relatos dos primeiros espanhóis que vieram para São Paulo, como pelo fato do contato ter sido feito através da Sociedade Rosalia de Castro, que atende espanhóis idosos carentes.

Quanto aos depoentes da primeira onda imigratória, todas são mulheres, com idade entre 84 e 90 anos, vieram da região de Andaluzia, enquanto crianças acompanhando seus pais e chegaram ao Brasil entre 1914 e 1926. Seus nomes e dados são:

- Inês Guerrero Cadina Quiroz, 84 anos, nasceu em 1913 em Sevilha, Andaluzia e chegou ao Brasil em 1925, com 12 anos;
- Encarnación Jerez Rodriguez, 90 anos, nasceu em 1907 em Múrcia e veio para o Brasil entre os anos 1913 e 1914;
- Izidora Guerrero Dominguez, 81 anos, nasceu em La Línea, a família não emigrou e sim veio visitar irmã por volta de 1926-7 e aqui ficou por morte dos pais;
- Maria Marin, 89 anos, nasceu em Linhares em 1908, província de Jaen e emigrou em 1920;

6 Cf. BOURDIEU, Pierre. (Prefácio de A. Sayad). *A imigração*, op. cit., p. 11.

- Maria de Los Angeles Esparrel Sanchez, 90 anos, nasceu em 1907 em Motril, província de Granada e emigrou em 1926;
- Maria Angelita Esparrel López (irmã de Dona Maria de Los Angeles), 74 anos, emigrou com apenas 4 anos.

Através de seus depoimentos, podemos pensar em alguns traços comuns das trajetórias dos migrantes da primeira onda. Além dos períodos das vindas coincidirem, as razões da saída de Espanha apresentam semelhanças: pais trabalhavam na agricultura, como jornaleiros, guardas, mas não tinham terras (caso das Sras. Inês, Maria, Maria de Los Angeles), ou eram pescadores (como Sra. Izidora, que o pai tinha banca no Mercado em La Línea). Todas são iletradas, emigraram crianças com a família e quase todas foram primeiro para o interior, trabalhar em fazendas de café. Apenas Dona Encarnación, cujo avô e pai eram mineiros, veio direto para cidade de São Paulo. Por constituir-se em excelente narradora das circunstâncias que marcaram a vinda e a sobrevivência de hispânicos na cidade de São Paulo e por possibilitar perspectivas de conjunto do fazer-se/refazer-se da vida urbano-fabril paulistana a partir da inserção de espanhóis em seus modos de constituição enquanto grande metrópole, também porque seus familiares dedicaram-se à atividade que marcou a presença espanhola em São Paulo – negociantes de ferro-velho, optamos por trabalhar seu relato, gravado em 15.4.97, por duas horas.

Quanto às questões que orientaram as conversações no sentido de gravar os depoimentos, importa explicitar que procuramos apreender dimensões dos modos de vida destes imigrantes na metrópole em expansão; acompanhar suas formas de solidariedade diante do descaso dos governos brasileiro e espanhol; como enfrentaram os difíceis problemas de moradia, ou como resolveram questões de trabalho, de insegurança em uma cidade em contínua aceleração e heterogeneamente ocupada.

Falando da viagem para Santos, que fez com uma irmã e o pai, após a morte da mãe na Espanha, faz-nos saber que parte da família já estava em São Paulo e que vieram com planos de trabalhar em ramo onde já tinham conhecimentos:

“É 1913 ou, não lembro se foi em 1913 ou 1914. Era no tempo da Guerra, porque nós ficamos um mês e meio de viagem. Porque era pelas costas, não podia ir pelo alto mar. Na Espanha embarcamos em Gibraltar, era um navio francês. Eu era menina de 7 anos, mas era boa. (...) Chegamos em Santos, viemos para São Paulo por que meus avós já estavam morando aqui. E meus tios estavam trabalhando já, pintando, como pintores de paredes. A idéia do meu pai era de abrir um depósito de ferro. Porque o meu pai era o mais velho de todos os filhos. Na Espanha já estava com, trabalhavam com minas, sempre foram mineiros. O meu avô Diego era mina de chumbo; o meu avô Valeriano era de ferro.”

Em outra passagem de seu depoimento, relatando a respeito da questão da habitação associada aos negócios desenvolvidos por seus familiares, Dona Encar-

nación relaciona moradia/trabalho, explicitando a concomitância da melhoria das condições de vida aos progressos atingidos nas atividades com ferro-velho:

“Morávamos (...) primeiro na Muniz de Souza, em uma casa alugada. Depois, fomos para a rua (...) Marsini é, fomos na rua Marsini e também em casa alugada. Depois que fomos para a rua Lavapés é que começamos a progredir, porque lá era maior; aí já comprava ferro-velho, metal, cobre, chumbo, papel, osso, vidro. Nós vendemos muito vidro para casa... essa casa de... essa casa que está fazendo esses jogos, como chama? Santa Marina! Eles compravam muito vidro do meu pai. Caminhões e caminhões de vidro quebrado. Quer dizer que o vidro quebrado a gente dividia, o vidro branco de um lado, os verdes de outro, assim e levava para eles; comprou muito vidro quebrado.” (...)

“Então, ganhavam bem, não é? Então eles compraram o terreno na Lins de Vasconcelos, Duarte Leopoldo, Lacerda Franco e Antônio Tavares. (...) Uma quadra inteira que, graças a Deus, estavam bem; foi o primeiro depósito de ferro-velho que teve em São Paulo, era de meu pai. (...) 1921 fomos para a casa da Lins de Vasconcelos porque já tinha comprado a quadra, como já falei, e fomos todos morar lá.”

As lembranças de Dona Encarnación, além de tornarem presente a heterogeneidade das condições de vida e de trabalho experimentadas por imigrantes espanhóis em São Paulo, permitem pensar nas origens destas diferenciações entre os imigrantes. Enquanto todas as outras depoentes narram que seus pais trabalharam na Espanha no campo ou em feiras, chegando a São Paulo, via fazendas de café, de onde fugiam assim que conseguiam, os parentes de Dona Encarnación eram proprietários de minas na Espanha e seu pai tinha conhecimentos de minérios, o que lhe garantiu possibilidades de montar uma rede de negócios em torno de ferro-velho, em São Paulo, tornando-se fornecedor para várias fábricas paulistas, assim como outros espanhóis que se dedicaram a esta lucrativa atividade.

Podemos surpreender dimensões da constituição destas diferenciações entre os imigrantes espanhóis através de outra passagem das memórias de nossa depoente. Assim, interessa ressaltar um trecho de sua narrativa, onde destaca:

“Mas meu pai falava: ‘Eu não quero vocês empregados’. Então, ele começou com um saco na cabeça – esses saqueiros de antigamente – ele começou assim, sabe? E naquele tempo tinha muita coisa assim, sabe? Porque às vezes comprava prata, comprava metal, essas coisas e vinha pedaços de bandeja de prata, colheres de prata, muitas coisas assim, e ele como conhecia, ia vendendo. Aí ia progredindo. A primeira vez comprou um cavalo, depois comprou um carrinho e depois foi indo, foi progredindo, foi progredindo com depósito de ferro.”

Entrando em outro tema presente em todos os depoimentos – o trabalho que estas mulheres e os espanhóis, de modo geral, realizaram em São Paulo –, o contraponto ao depoimento de Dona Encarnación encontramos, de modo exemplar, no de Dona Inês, por expressar caminhos da grande maioria dos imigrantes espanhóis:

“(...) chegamos aqui em Santos, de Santos viemos para São Paulo e, de São Paulo fomos para o interior. (...) Ah, a vida era dura. Era cortar lenha, andar descalça, não é? Saía de casa às cinco horas da manhã e voltava só às cinco horas da tarde; ficava o dia inteiro de pé, na roça, trabalhando no café, plantando milho, plantando feijão. Esta era a minha vida. Esta é a vida que eu levei aqui. (...) o fazendeiro não queria deixar meu pai vir embora. Então, nós viemos fugidos! Viajamos de noite, a noite toda! Para não gastar o dinheirinho que a gente trazia do interior, viemos no chão. Viemos para São Paulo fugidos, porque viajamos a noite toda a pé!”

E continua narrando que seu pai “Foi trabalhar na Crespi, de faxineiro”, enquanto “eu fui junto com ele para trabalhar junto com ele”. Mas, voltando à Dona Encarnación, muitos espanhóis trabalharam e ainda trabalham na cidade de São Paulo com ferro-velho; só que, enquanto alguns tinham o depósito e faziam negócios com as fábricas, a maioria possuía apenas uma carrocinha, com a qual percorriam a cidade, arrecadando sucata para ser vendida aos donos dos depósitos, ou eram empregados dos depósitos, no serviço de triagem e classificação dos materiais. Nesse sentido, vale retornar ao depoimento de Dona Encarnación, que relata a dinâmica do depósito de seu pai, denominado “Casa La Union Brasil”, onde inclusive o trabalho de seleção preliminar do material sucateado recolhido era feito por ela e outras mulheres da família. Perguntada sobre as fábricas que compravam seus materiais, retomou a narrativa, explicando:

“E também a fábrica de papel Klabin, que é lá em Santana, comprava o papel. E a fábrica Matarazzo de papel e cartonagem, que era em Osasco, também nós éramos fornecedores de papel. (...) Mesmo a que fazia as coisas de lança-perfume (...) também nós vendíamos chumbo para eles fazerem as coisas das tampinhas, da embalagem. (...) Outro que também comprou muito do ferro-velho para fazer os cofres, os primeiros cofres que teve aqui, era o Nascimento, é Augusto Nascimento. Os fogões não têm aquela cantoneira? Antigamente era uma cantoneira; então, eles compravam aquelas cantoneiras para fazer os primeiros cofres de aço. **Era um rio de dinheiro! Era um rio de dinheiro!**”

Empregando muitos espanhóis na diversidade de atividades do depósito, que fornecia produtos e matéria-prima, chegaram a se constituir em um centro de referência para espanhóis recém-chegados a São Paulo, além de manterem relações amistosas com o Consulado Espanhol e instâncias governamentais. Conforme Dona Encarnación,

“Olha, para dizer a verdade, os espanhóis na imigração, a primeira coisa que visitavam quando nós morávamos lá na Lavapés – era a nossa casa. Porque meu tio, como trabalhava na Sociedade Espanhola, tinha muita amizade com o cônsul. (...) Ele protegeu muito. Tanto assim que Afonso XIII, o rei Afonso XIII, mandou uma carta para meu tio Gregório oferecendo o lugar de Consulado aqui, pois o Consulado se queixou que em vez de procurar o Consulado, procuravam os Picares!! Porque nós tínhamos a casa tão grande que vinham aí na rua, como é que se chama... assim no Centro Imigratório e já vinham em casa. Os porões estavam desocupados; então a gente deixava

eles morarem de graça lá, até que eles arrumassem outro lugar. E a gente ajudava muito, dava comida e tudo, enquanto eles não podiam trabalhar.”

Entretanto, toda esta situação de prosperidade e mesmo de entrosamento com setores do governo – “Tanto assim que, quando foi a inauguração dos Cem Anos da Independência, era o presidente Washington Luís que veio inaugurar. Ele tomou café lá em casa! Tomou café não, foi ovos pochê, três ovos quentes com anis de mono espanhol” – foi perdida com a Revolução de 1924. Retomando o depoimento de Dona Encarnación:

“Mas, quando foi a Revolução de 24, entraram os soldados e tomaram conta – porque nós tínhamos cavalo, automóvel, tudo isto – eles acabaram com tudo, acabaram com tudo. Levaram, mataram, levaram os cavalos, levaram os dois automóveis de caminhão, levaram um automóvel de passeio, um Ford de passeio, enfim e mataram os porcos – porque tínhamos criação de porco também – porque aquilo era mato ainda, não era cidade.”

O significativo nestas memórias revela-se na compreensível precariedade e insegurança das condições de vida e de trabalho, nas tênues fronteiras entre fartura e desventura, na fragilidade das relações em estabelecimento com as autoridades nacionais. Assim como eram permeáveis as ligações campo/cidade – conforme indicações de sua fala, a Avenida Lins de Vasconcelos ainda era mato, onde criavam porcos, um dos alimentos básicos da dieta espanhola –, as relações de poder eram difusas e efêmeras em uma São Paulo em constituição. Entretanto, mesmo depois de perderem o depósito e os fardos de papel que foram levados para fazer trincheiras no Cambuci, ainda “ficamos com muita prata”, porque as mulheres faziam a primeira seleção do que chegava ao depósito e retiravam o que lhes interessava:

“Eu vendia muitos quilos de prata a 80 cruzeiros o quilo; porque quando nós compramos, vinha pedaços de guarda-chuva, cabo de guarda-chuva de prata, pedaços de bandeja de prata; sabe, vinha muita prata. Então nós, as mulheres que já conheciam, iam pegar as pratas e, sabe? Isso para nós, para os nossos luxos. Se dividia para os nossos luxos. Mas quem vendia era eu, quem vendia era eu! Eu era a mão direita – embora não tivesse liberdade – mas era a mão direita. (...) Isso era coisa das mulheres; era tudo dividido entre as mulheres.”

Nesta passagem de sua fala vem a tona, mais uma vez, a fragilidade das suas condições de vida, desta vez no sentido das relações familiares e da situação da mulher espanhola no interior da família: se elas eram as primeiras a selecionarem o material, retirando o que lhes interessava e havia de mais nobre entre os objetos sucateados, conquistando um poder explicitado por Dona Encarnación na expressão “Eu era a mão direita”, nunca tiveram liberdade para tomarem decisões que dissessem respeito a suas vidas, sendo que nem mesmo recebeu permissão

para estudar. Por questões familiares, de comparação entre ela e a filha da segunda mulher de seu pai, Dona Encarnación foi retirada da escola. Sua grande mágoa era não saber ler e escrever, assim como todas as mulheres que entrevistamos.

Conforme suas próprias palavras:

"Sabe, eu era a preferida da classe, era a primeira!!! E a minha tia ficava com inveja, contava para a mãe. A mãe falou: 'Pois agora a Encarnación não vai até que você se forme'. E não me deixou, não me deixou ir na escola. O que eu sei, o pouco que eu sei ler é o que aprendi na Espanha, porque aqui no Brasil nunca fui na escola."

Esta contraditória situação vivenciada pelas mulheres imigrantes, onde muitos laços de afetividade desfaziam-se nos deslocamentos experimentados e no contexto de um cotidiano marcado pelo trabalho e pelo imprevisível, ainda pode ser evidenciada em sua narrativa, quando comenta:

"Eu era mais revoltada que a minha irmã. Mas vivia feliz! Nunca me faltou nada, sempre tudo o que eu queria eu tinha, mas não tinha liberdade e não tinha carinho, era a única coisa que não tinha."

Esta situação de ambivalência, entre o poder que usufruía nos negócios montados e a falta de liberdade para encaminhar decisões referentes a sua vida, ainda reaparece de forma marcante em suas memórias, ao recordar de como refizeram suas atividades em torno de curtume, após ter acabado o ferro-velho:

"Eu era a mão direita da – embora não tivesse liberdade – mas era a mão direita. Depois, quando foi as crinas, quando tínhamos o curtume, também os cavalos. Porque depois que acabou com o ferro-velho, eles puseram um curtume em São Caetano; o que hoje é o centro de São Caetano, naquele tempo era um mato que era do... não lembro do dono do terreno."

"O curtume era um contrato da prefeitura, os cachorros da carrocinha que prendiam e matavam, eles tinham aquele carro fechado e tudo, era para o curtume. E tiravam o couro, não é? Com o couro faziam sapatos e o resto ia tudo para a caldeira. Quando estava, tinha torneira que saía o sebo. O sebo ia por uma canaleta assim em tambores que era para fazer sabão. E depois continuava e o resto ficava feito cinza, não é? Que era adubo."

"A gente vendia para essa Sociedade Japonesa, essa sociedade grande que tem... em Pinheiros. Eu não lembro. Vendíamos lá os adubos e os couros e, quando eram os cavalos, cortavam as crinas e a gente vendia para as fábricas de escovas."

"Aqueles que eram compridos assim a gente vendia para o tecelão que eles faziam aquele (...) para contra-tela de ternos de homens. Aqueles forros que tinha para as roupas dos homens ficarem... e eu vendia à Casa Franca Lança, que fica na rua Piratininga."

"Eu vendia as crinas e aquela mais pequeninha para a fábrica de fazer pincel. A gente lavava bem, não é? E depois, de noite, eu, minha irmã e minha tia fazíamos feixes assim ou mais grande ou mais pequeno, sabe? Dividíamos, porque cada tamanho tinha um preço – então, quando estava assim eu alugava um carro, punha um saco e ia levar na Rua General Flores. Mas tudo isso era!!! Para os alfinetes das mulheres!!! Os alfinetes das mulheres, falavam."

Em mais esta expressiva narrativa das atividades e dos negócios de imigrantes espanhóis em São Paulo, que se notabilizaram e ganharam terreno na vida urbano-fabril dedicando-se a produzir objetos e matérias-primas que, apesar de necessários, eram desqualificados já que oriundos de sucatas ou restos de animais, ganha sentido a função e o lugar ocupado pelas mulheres. Participando de todo o processo da produção, a elas estavam reservados os subprodutos, que como segundo escalão da família significativamente ocupavam-se de preparar e de comercializar, conforme fica evidenciado nas lembranças de Dona Encarnación, que marca esta passagem entre o de todos e o das mulheres ao utilizar o pronome **eu**. Eu vendia, eu alugava, cabendo reter que estas “sobras”, que eram para “os alfinetes das mulheres”, eram do conhecimento de todos, uma vez que, conforme expressão de Dona Encarnación, “Para os alfinetes das mulheres, **falavam**.”

Lembrando sobre esta divisão entre o que era dos homens e das mulheres, Dona Encarnación explicitou:

“(...) a única coisa que a gente fazia quando vinha o couro era medir os couros (...) e já dava 3 pés, 4 pés, já dava as medidas. Isso nós fazíamos de noite as mulheres. Agora, eles vendiam e não davam nada para a gente. A gente trabalhava e não ganhava nada (...) O couro, o sebo e os ossos (quando o osso era assim pequeno que era da canela vendíamos para fábrica de botão) era a parte dos homens. Era a parte do negócio! Agora, do curtume, só para as mulheres eram as crinas.”

As recordações de Dona Encarnación apontam para uma relação negociada na divisão do trabalho entre os membros da família imigrante espanhola. Obediência, resguardo no âmbito privado, trabalho e administração da vida doméstica por parte das mulheres, em troca de formas de autonomia e de circulação para produção e venda de subprodutos (“Os alfinetes das mulheres, falavam”).

Perguntada como foi criada, se conheceu as ruas onde morou, se tinha permissão para sair, respondeu rapidamente:

“Não, não tinha. Nem tinha amiga; não deixava ter amiga. Só com a família, só com a família; para fora ninguém (...) Às vezes eu saía no Cambuci, no Largo do Cambuci. Então eu falava: ‘Olha, vamos no Largo do Cambuci’. E as minhas primas vinham se encontrar comigo. A minha irmã às vezes também, mas sem uma causa digna não podia, por causa dos meus tios.”

Mas lembra de todos os lugares da cidade por onde tinha passado, no tempo de sua juventude, falando do que era permitido e do proibido:

“Ah, lembro de tudo! Lembro quando o bonde era no Largo da Sé, que virava assim (gesticula para mostrar o caminho do bonde) vinha aquele lá que era o do abrigo e o bonde virava assim para vir, o bonde Fábrica-Vila Prudente e o outro, o Cambuci, virava assim onde é o supermercado que era o cinema do Cambuci. Não me deixaram nunca ir no cinema.”

Nesta vida de trabalho, em rígido contexto familiar, amenizado pelas poucas passagens com o pai – “Porque ainda enquanto meu pai vivia, eu era mais respeitada” –, lembrou da morte do pai no curtume e de como seus familiares perderam este negócio:

“Perderam porque o terreno era no mato. Me veio agora o nome do dono do terreno. Simonsen, era o dono do terreno. Então ele fez anunciar no jornal que lá ia ter uma grande indústria e que ia ter grande emprego também, sabe? Então começou a vender terrenos, terrenos e, quando estava cheio de gente – porque o curtume dá mau cheiro mesmo – então, o pessoal começou a queixar-se. Então, a prefeitura pediu para fechar. E fechou o curtume, fecharam o terreno. Depois meu tio faleceu; a minha tia ficou meio assim, não pagou o imposto (...) e a minha tia perdeu. Ficou sem nada. (...) Às vezes parece que é mentira, não é? Mas se fosse mentira não podia nomear os nomes, não é? Porque o dono do terreno era esse que falei agora. Simonsen, Roberto Simonsen.”

Sua história de vida é tão surpreendente, com tantas perdas e um contínuo refazer-se – desde a morte de sua mãe ainda na Espanha, quando seu pai acabava de emigrar para o Brasil; o retorno do pai para trazê-la, juntamente com sua irmã, para a cidade de São Paulo; as mudanças e os percalços que marcaram sua trajetória de imigrante no contexto de uma família que, mesmo com sucessos temporários nos negócios, enfrentou dificuldades de afirmação social de suas atividades na vida urbano-fabril – que levam Dona Encarnación a procurar confirmação para tudo que recorda em nomes de lugares e de pessoas, na perspectiva de referendar o que narra.

Situação semelhante a da própria imigração espanhola em São Paulo, que sem amparo oficial do governo espanhol, sem respaldo das autoridades brasileiras e sem o reconhecimento do empresariado paulistano, dedicando-se a atividades consideradas marginais por basearem-se no desmanche e reaproveitamento de objetos e resíduos animais “sem valor”, foi sendo diluída e relegada ao esquecimento. Para romper com este silêncio, importa rastrear os poucos registros da ativa imprensa espanhola que restam nos arquivos públicos, o esparso e mal preservado acervo da última associação espanhola que é mantida em São Paulo e ouvir as memórias de espanhóis carentes que moravam na Sociedade Benéfica Rosalia de Castro, como Dona Encarnación Jerez Rodriguez. Sociedade assistencial que acaba de ser desativada, assim como tantas outras no Brasil neoliberal, espalhando seus beneficiários entre várias residências esparsas em São Paulo.

Abstract: Spanish immigrants to Brazil have been doubly excluded first, because of their poverty and second because of the second class status of immigrants in general. For this reason, oral interviews give life to memories not usually preserved by records and archives. This research will analyse the testimony of six Andalusian women from the first wave of Spanish immigration, focusing on their style of life, the solidarity of compatriots, and questions of home, work and feeling of insecurity.

Keywords: exclusion, women, life styles